



## A DANÇA DO FUTURO

Rousejanny da Silva Ferreira<sup>1</sup>

CONDE-SALAZAR, Jaime. **La danza del futuro**. Madrid: Continta me tienes Editorial, 2018.

**Resumo:** *A Dança do futuro (La danza del futuro)* é um livro de utopias adiadas. Publicado originalmente em espanhol no ano de 2018 e fruto de cartas escritas entre 2014 e 2015, o pesquisador e artista espanhol, Jaime Conde-Salazar, atravessa questões da dança e suas relações com a teoria e instituições de arte, seus atravessamentos históricos, políticos, sociais e de gênero sem apegos temporais ou estilísticos a um tipo de abordagem teórica capaz de solucionar os problemas do próprio campo. O livro de bolso, de linguagem simples e acessível, aponta dez utopias – como o autor mesmo denomina - que são alavancas para estados de reflexão de Dança a partir de jogos de futurologia que se alimentam das tramas organizadas no passado e no presente da produção/provocação dancística no ocidente. Traço aqui, o extrato que considero mais relevante para confabularmos e refletirmos, em terras brasileiras e língua portuguesa, o que nos toca e possa ser comum como utopias repetidas e adiadas de existência.

**Palavras-chave:** Dança. Futuro. Utopias. Teoria da dança.

<sup>1</sup> Professora do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás. Graduada em Educação Física pela UEG; Especialista em Filosofia da Arte pela IFITEG/UEG e Pedagogias da Dança - PUC-GO. Mestre em Performances Culturais - UFG. Dirige, junto com Giovana Consorte, o Grupo de Pesquisa Artística Corpo Composto. É pesquisadora do núcleo (In)Comum: grupo de pesquisa em Arte, Educação, Profissionalização e Comunidades – CNPq. Email: rousedance.ferreira@gmail.com



## THE DANCE OF THE FUTURE

Rousejanny da Silva Ferreira

CONDE-SALAZAR, Jaime. **La danza del futuro**. Madrid: Continta me tienes Editorial, 2018.

**Abstract:** The Dance of the Future is a book of postponed utopias. Originally published in Spanish in 2018, as the result of letters written between 2014 and 2015, Spanish researcher and artist Jaime Conde-Salazar crosses dance issues and their relations with theory and art institutions, their historical, political crossings, social and gender issues without temporal or stylistic attachments to a kind of theoretical approach capable of solving the problems of the field itself. The pocketbook, of simple and accessible language, points out ten utopias - as the author himself calls it - that are levers for Dance's reflection states based on futurology games that feed on the organized past and present plots of the production / dance teasing in the West. I draw here the extract that I consider most relevant to confabulate and reflect, in Brazilian lands and in Portuguese, what touches us and may be as common as repeated and postponed utopias of existence.

**Keywords:** Dance. Future. Utopias. Dance theory.

A Dança do futuro não tem uma forma concreta, não tem uma aparência específica ou estilo que a defina. Isso se dá porque o ponto de partida – ou de chegada – de fato não é um consenso ou definição. O desejo classificatório ou definidor da dança, próprio da subjetividade da sociedade pós-capitalista, construiu a ideia de que é possível nominar e ordenar tudo segundo a sua forma. A questão é que apegar-se a isso como resposta às questões pode causar uma certa cegueira ou nebulosidade a outras coisas que a dança pode mostrar. Portanto, a forma é um fluxo que conecta um ponto a outro e ela, inevitavelmente, chega, inclusive como um campo de incertezas. Mas o que importa, de fato, é o que ela deixa ver, o que emerge.

A dança do futuro não produz obras, ela gera processos contínuos. Ela vai para além do dispositivo de representação, do já autorizado ou do espaço já identificado da arte legitimada pelo valor de mercado. A compreensão é de que vida e mundo traçam um diálogo permanente a partir de circunstâncias concretas. Isso ressoa na ideia de investigação que se desenvolve no tempo e assume a incerteza como caminho para a produção de conhecimento. Assim, ela se transforma constantemente: é uma rede de sucessões, questões, experiências e contextos interconectados e isso pode se dar da mesma forma na cadeia clássica/tradicional da dança ou em organizações que façam parte da cadeia econômica que a circunda. Porque, mesmo que se apresente como uma “obra acabada”, ela é parte de uma dimensão maior que conecta fenômenos muito distintos entre si.

A dança do futuro não é uma disciplina, porque não depende de uma definição essencialista. Ela não depende de uma definição essencialista a partir de um suposto meio específico de expressão nem precisa ir para o confronto com esse sistema em vigor. No futuro, ela desativa o sistema de disciplinas e por isso é preciso estar atento ao que acontece em vários espaços sociais para que ela não passe despercebida. Isso vem à tona como uma possibilidade outra ao regime da arte nos últimos séculos que foi organizada, classificada e, inclusive, hierarquizada. As obras artísticas tornaram-se instituições, muitas vezes, fechadas em si mesmas e isso gerou discursos que balbuciam - ou tentam definir - o que é ou não é dança. Como se o fato de uma obra não se ajustar aos limites da disciplina ou categoria fosse uma traição a sua própria instituição: a Instituição Dança.

A dança do futuro não é necessária, pois sabe a importância da pausa e do silêncio como ferramentas de interrupção. O silêncio é o princípio. Para a dança do futuro só se lança uma pedra sobre o silêncio se se está seguro da necessidade deste gesto de violência. Em movimento contrário, os ruídos do sistema introjetam a necessidade de produção de estreias constantes, de produção ininterruptas de trabalhos e de meios para se manter vivo no sistema que a atropela na sua própria existência. Portanto, a dança como um canal aberto só existe quando capaz de acatar a responsabilidade de assumir as fraturas, quebras e os rompimentos que o gesto vai produzir. Caso contrário, é melhor permanecer calada, na plenitude do silêncio, escutando aquilo que o ruído do regime tenta tapar, ocultar. Enquanto o ruído alimenta o regime, a dança do futuro tem os ouvidos bem abertos.

A dança do futuro também está no passado. Ela não vem depois de nada, não vem melhorar nada porque tudo já está aí o tempo todo. É preciso notar que essa sede pelo ineditismo, pela nova fórmula mágica da dança, nada mais é do que uma estratégia narrativa que o relato oficial utiliza para autolegitimar-se. A dança do futuro não é uma novidade. Está acontecendo há muito tempo como ação viva grudada no corpo, na memória e por isso ela nunca deixa de observar, buscar, investigar-se e perguntar-se pelos fatos e obras que se passaram com ela ao longo do tempo.

Contrariando o discurso de uma história linear e datada por períodos, uma coisa não se esgota porque outra aparece. O que se passa são simultaneidades e acumulações e isso quer dizer que temporalidades distintas coabitam o mesmo presente e podem, inclusive, construir e colaborar entre si. Obras de dança não se limitam a uma determinada temporalidade e é sabido que esse processo demanda tempo de amadurecimento, percepção dos significados e dimensões que, a princípio, poderiam não ser tão evidentes. Ainda há muito o que aprender com figuras como Marius Petipa, Mary Wigman, Noverre, Paul Taylor, entre outros.

A dança do futuro produz conhecimento, sobretudo por enfrentar aquilo que não conhecemos. Nasce do reconhecimento de uma ignorância profunda na qual os processos de criação são tentativas de forçar, empurrar o limite do que somos capazes de entender. Ela transcende o que ainda não conseguimos enunciar e, ao mesmo tempo, trabalha para a formulação de perguntas sobre o fazer do presente, por mais que isso seja incômodo.

O que ela quer neste futuro é a desassociação da permissão regimentar das instituições ou regimes culturais disciplinares clássicos. A sua capacidade de produzir conhecimento a serviço do mundo integra à vida como uma ferramenta de uso cotidiano para compartilhar conhecimento livremente e gerar possibilidade de entender o que somos e fazemos.

A dança do futuro é uma questão de fé, pois sabe-se que é necessário acreditar para que as coisas se modifiquem. Fé para ultrapassar a lógica da verdade e da certeza como discursos definidores da dança, como por exemplo, na terceira negação do *No Manifest* (1965) de Ivone Rainer que diz: “não às transformações e a magia ao fazer acreditar” (*no to transformation sand magic and make believe*). Esta era uma negação pertinente e necessária à máquina de produção de dança que havia se instalado. Parecia não haver saída para a dança e o manifesto vinha como um grito dos bailarinos que queriam reivindicar o direito de mover-se sem explicar ou convencer alguém de alguma coisa. O fato de a dança do futuro estar ancorada no tempo e no espaço concreto em que acontece evita que ela se torne um delírio fantasioso e esse é o salto de fé necessário e que coloca em questão nossas convicções, podendo ampliar o campo imaginativo e as potências do fazer.

A dança do futuro é bicha, e aqui isso vem como adjetivo para nomear as subjetividades ignoradas, excluídas ou reprimidas pela subjetividade patriarcal hegemônicas. Ela vem como um convite a explorar diferentes extratos de ser e pôr em questão qualquer definição identitária que se apresente como algo sólido e fechado em si mesmo. Ela mergulha nas raízes do possível e não aceita nenhuma limitação disciplinar ou de controle, já que tem como interesse maior produzir novas subjetividades que tenham como desejo motriz utilizar, alterar ou subverter os meios de representação em voga. O poder performativo da dança atravessa os dispositivos não autorizados ou não convencionais: é desobediente por natureza e questiona os limites estabelecidos ou autorizados do ser. Ela não tem que sanar ou preocupar-se com as ansiedades e medos do sistema.

A dança do futuro se pronuncia, porque sabe seu poder de enunciação e assume sua responsabilidade de dizer. Pronunciar-se é, antes de tudo, uma ação para fora, que se devolve ao mundo como contribuição a todos os processos de produção de conhecimento que acontecem constantemente. Por isso a dança é sempre livre para ir além do horizonte cultural convencional. Ela pronuncia-se pelo excesso, pela sua capacidade de dizer,

mesmo que algo já tenha sido dito outras vezes. Não importa. Há que se aproveitar das oportunidades para dizer coisas importantes. A necessidade da dança vem e se faz no existir.

Por fim, a dança do futuro é um ato de amor. Amor como um princípio físico, como ato de reunir estruturas, entidades, organismos e corpos que antes pareciam separados e que dão lugar a seres efêmeros, únicos e desconhecidos até então. O amor vem como um princípio que atravessa os corpos que afeta provocando dissoluções gozosas e que, por fim, entregam-se ao mundo à disposição dos seus limites. O amor, da mesma forma que a dança, só pode perceber as marcas que deixa no corpo quando passa por ele.

O amor é um labor que não tem nada a ver com trabalho, produtividade, horários, programas e projetos. Ele é antieconômico, acidental, incompreensível, surpreendente e, assim, exige que se revise valores, ferramentas e objetivos sobre a dança. Ele é o próprio desafio que produz encarnações insólitas, que redefine constante e radicalmente a ação amorosa e muito sábia e que tem ciência de que nada acaba completamente: o rastro que a dança deixa nos corpos de quem se compromete com ela é semelhante à sensação de um final feliz.

## REFERÊNCIAS

CONDE-SALAZAR, Jaime. **La danza del futuro**. Madrid: Continta me tienes, 2018.

**Recebido em: 13/08/2019**

**Aceito em: 13/10/2019**